

Dom Amilton Manoel da Silva
É bispo-auxiliar da Arquidiocese de Curitiba

PEDI AO SENHOR DA MESSE...

1. OS VOCACIONADOS – O Senhor atendeu o nosso pedido...

CULTURA URBANA:

Cultura: Rede de significados que dão sentido ao mundo que cerca um indivíduo nos diversos aspectos.

Cultura Urbana: Estilo de vida e mentalidade dos ambientes citadinos que se expandem sempre mais em todas as realidades. Consequências: humanas, éticas, sociais, religiosas, tecnológicas e ambientais.

DA RURALIDADE À CIVILIDADE PARA A VIRTUALIDADE

- ▶ Estamos diante do final de uma grande virada da história humana:
- ▶ O fim da cultura rural!
- ▶ O urbano e o rural se modernizaram com a informação digital. Nada vive isolado e imóvel. Mesmo no campo é possível uma imobilidade móvel e na cidade é possível uma mobilidade imóvel.

A cidade se converteu no lugar próprio das novas culturas que estão sendo geradas e se impondo, com uma nova linguagem e uma nova simbologia. A mentalidade urbana se difunde também, no mundo rural. (DAp 510)

54% da população mundial vive em áreas urbanas. Pode chegar a 66% em 2050.

“O cristão de hoje não se encontra mais na primeira linha da produção cultural, mas recebe sua influência e seus impactos. As grandes cidades são laboratórios dessa cultura contemporânea complexa e plural”. (DAp 509)

CARACTERÍSTICAS:

Massificação: Com desenraizamento cultural e despersonalização, pressionada por uma gama desumanizante de informação.

Individualismo: A sociedade moderna é caracterizada pelo individualismo, que condiciona a ter uma vida mais acelerada. As pessoas procuram algo (idealizado), para preencher um vazio, por isso correm em tantas direções... Buscam coisas fáceis e respostas rápidas.

Felicidade comprada: Tudo tende a ser visto como mercadoria e a própria felicidade tem sido ofertada nas prateleiras e nas loja da esquina... A publicidade insiste que temos a obrigação de ser feliz, de vencer sempre, de nos destacarmos do comum dos mortais. Manipula-se o sagrado, submetendo-o aos caprichos humanos. O sobrenatural se curva às necessidades naturais, “obrigando-se” a atender as súplicas de prosperidade, cura e alívio. As dificuldades pessoais e sociais são enfrentadas pela autoajuda e técnicas psicoespirituais.

Consumismo: (uma saída) para preencher as carências e necessidades... (EG)

Relações vazias: Amizades plásticas e virtuais. Pessoas = objetos sem vida. Muitas vezes de dominação e instrumentalização.

ESPIRITUALIDADE

Dualista: Que caracteriza a compreensão ocidental do mundo. Tendemos a compreender as coisas sob a lógica do “ou” e temos dificuldade de pensar em termos de “e”, ou seja; contradições que impossibilitam de conviver juntas ou formar uma unidade dentro dessa diferença. Ex: “teoria e prática”, “razão e experiência”, “oração e ação”, “corpo e alma”, “espírito e matéria” etc. De um lado espiritual e outro material. E temos alimentado, pois na vida pastoral, muitas vezes se reduz espiritualidade a “retiros”, “louvores”, “adoração”... E tem sido comum: “Vamos esquecer o mundo para pensar em Deus”.

Intimista: Nesse universo tem sido adaptada à falta de sentido, de fuga da realidade conflitiva, capaz de livrar o indivíduo da conflitividade e da responsabilidade social, o que reduz a dimensão social do Evangelho. Fica a impressão de que a encarnação de Deus em Jesus foi um equívoco.

Pelagianista: (esforço pessoal – sem a graça e sem humildade - A obsessão pela lei, ostentação no cuidado da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja – GE) e espiritualidade.

Gnosticista: (Autocelebração de mente sem encarnação, engessada numa enciclopédia de abstrações; a razão se “torna deus” pretendendo “reduzir o ensinamento de Jesus a uma lógica fria e dura que procura dominar tudo”. Em síntese: teoria sem prática – GE).

Desafio para a formação – comunidade formativa:

- **Resignificar** cotidianamente a vida e a vocação, a tal ponto que essa resignificação “influencie” nos formandos, fortalecendo suas verdadeiras motivações, num processo contínuo de acompanhamento.

- **Testemunho** de uma espiritualidade UMA (realidades temporais e espirituais): amor à Jesus Cristo, alegria no seguimento, beleza da vida comunitária, entrega pela causa do reino, ardor missionário...

2. PREPARAR OS OPERÁRIOS – O Processo formativo...

O DOM DA VOCAÇÃO PRESBITERAL: *RATIO FUNDAMENTALIS INSTITUTIONIS SACERDOTALIS (2016)*

Novidade:

- Para etapas da formação, não mais o uso da nomenclatura “etapa dos estudos filosóficos” e “etapa dos estudos teológicos” o documento refere-se à **primeira como “discipulado”** e à **outra como “configuração”**, para **evitar** que o critério avaliativo destas etapas **concentre-se apenas na dimensão acadêmica**.

- **Unidade do itinerário formativo:** Por discipulado se entende a formação como um percurso **unitário e integral**, exigindo atenção e cuidado a cada passo” (RFIS, 53).

AS ETAPAS DO PROCESSO FORMATIVO

- A formação sacerdotal comporta dois grandes blocos, a **formação inicial e permanente**. Quanto à primeira: **“Formação de um coração sacerdotal”** (RFIS, n. 55). Divide-se em quatro etapas distintas:

- ✓ Etapa propedêutica,
- ✓ Etapa do discipulado,
- ✓ Da configuração,
- ✓ Etapa pastoral.
- ✓ A formação permanente comporta toda a vida do presbítero após a ordenação, no exercício do seu ministério.

O propedêutico: Se insere entre o período do chamado Seminário Menor e do Seminário Maior. O principal objetivo desta etapa *“consiste em assentar sólidas bases para a vida espiritual e favorecer um maior conhecimento de si para o crescimento pessoal”* (n. 59).

O Discipulado: Este tempo específico é caracterizado pela formação do discípulo de Jesus destinado a ser pastor, com uma especial atenção para com a **dimensão humana**, em harmonia com o **crescimento espiritual**, ajudando o seminarista a amadurecer a decisão definitiva de seguir o Senhor no sacerdócio ministerial e no acolhimento dos conselhos evangélicos, de acordo com as modalidades próprias desta etapa. (n. 62). O formando deve **trabalhar sua personalidade** a fim de estruturá-la e equilibrá-la, sobretudo pelo exercício das virtudes humanas, “que farão dele um reflexo vivo da humanidade de Jesus e uma ponte que une os homens a Deus” (n. 63).

- Além das matérias filosóficas: formação espiritual, centrada na Sagrada Escritura; doutrinal, sobretudo através do Catecismo da Igreja Católica; humana e litúrgica.

Configuração: Esta etapa é fundamental, pois o futuro sacerdote tem a grave missão de ser no mundo um *Alter Christus* (outro Cristo), por isso requer muita atenção, sobretudo à formação própria daquele modo de vida que caracteriza a **existência sacerdotal**, atentando-se à **espiritualidade**

do presbítero e à doação da vida no cuidado pastoral do Povo de Deus. Importante nesta etapa: vivência das virtudes cardeais, teologais e os conselhos evangélicos, que defina uma identidade presbiteral e missionária, voltada à caridade pastoral (n. 69).

- Este período deve também ser caracterizado pelo **forte sentimento de pertença à Igreja particular**, sobretudo pelo desejo de comunhão com o bispo, como também pela abertura às **necessidades da Igreja universal**. No decorrer desta etapa os seminaristas pedirão os ministérios de leitor e acólito. Ao término desta etapa, a depender do juízo do ordinário e dos formadores, o candidato poderá **receber a ordenação diaconal**.

Etapa pastoral: Ao final da formação inicial **exige-se do seminarista um período de exercício pastoral**, também chamado de **síntese vocacional**. A finalidade desta etapa:

- Inserção na vida pastoral,
- Adequada preparação ao ministério presbiteral.
- Este período é vivido **numa comunidade específica, fora do seminário** e ser acompanhado pelo pároco ou pelo responsável pela realidade pastoral.
- Ao termo desta etapa, a juízo do bispo e dos formadores, o candidato **está apto** à recepção das Ordens Sacras.

- Na formação inicial: **Avaliação e discernimento** acerca da índole e idoneidade do candidato em todas as etapas e cumprimento das **crescentes responsabilidades**: admissão, recepção dos ministérios e Sagradas Ordens.

A formação permanente: “A formação permanente deve ser encarnada na realidade presbiteral, de maneira a que todos os presbíteros possam efetivamente assumi-la, atendendo a que **o primeiro e principal responsável é o próprio sacerdote**” (RFIS, 82). Este período, que perdura por toda a vida sacerdotal, **diz respeito à própria identidade sacerdotal**.

Cuidados:

- Desgaste causado pelo **excesso de atividades**.
- Viver o sacerdócio como uma profissão.
- Por isso: **cultivo da vida de oração, os exercícios espirituais, bem como a direção espiritual e a confissão frequentes, e a vida em comum, por meio dos laços de reverência e obediência ao bispo e da fraternidade sacerdotal, pois o presbitério, em virtude do Sacramento da Ordem e do caráter ontológico deste, é verdadeira família do presbítero**.

A vida comunitária: fomenta a fraternidade sacerdotal e integra as dimensões acima mencionadas. Servir-se de alguns instrumentos formativos, como: **a comunicação sincera e aberta, a partilha, a revisão de vida, a correção fraterna e a programação comunitária** (n. 90).

DIRETRIZES PARA FORMAÇÃO DOS PRESBÍTEROS – CNBB/2018

Em continuidade com: *Optatum Totius* (Concílio Vaticano II – para a formação dos presbíteros em cada país), a *Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*, de 2016 e o magistério do Papa Francisco.

O processo formativo:

- **Uno:** (ininterrupto – caminho de discipulado e missão), **integral** (totalidade no que a pessoa é e no que possui), **comunitário** (não individualista) e **missionário** (missão de Cristo e a evangelização em todas as suas formas).

- **Processo personalizante:** Ver sempre as motivações se são verdadeiras, livres e pessoais; liberdade e responsabilidade pessoal. Entusiasmar para grandes ideais; coragem de tomar decisões, fidelidade e conhecimento de si.

- **Itinerário formativo:** A vida interior – dedicação à vida espiritual na comunhão com Cristo (seminaristas e presbíteros). Educados à simplicidade, à sobriedade, ao diálogo sereno, à autenticidade e como discípulos voltados à caridade pastoral.

- **Vocações adultas:** Ver as verdadeiras motivações e construir projetos formativos específicos.

PEDAGOGIA E ITINERÁRIO FORMATIVO:

- Formação para SER, SABER e SERVIR. **Humana, espiritual, comunitária, pastoral missionária e intelectual.** Elaborar formas de **avaliação para cada dimensão** em cada etapa de formação.

- **Projeto pessoal de vida:** Acompanhado pelos formadores (elementos: vocação como dom de Deus; o seguimento de Jesus Cristo; a integração das dimensões formativas; os objetivos a serem alcançados e seus correspondentes meios).

- **A casa de formação:** escola de comunhão - para a formação dos discípulos missionários.

✓ Lugar qualificado, simples e sóbrio,

✓ O cotidiano: sensibilidade à experiência do belo – as artes suscitam o espírito criativo e sugerem transcendência

✓ A presença do formador: pertença familiar, proximidade, cooperação e companheirismo.

Equipe de formadores: recorra às diversas áreas: âmbito médico, pedagógico, artístico, psicológico, musical e no uso de comunicações. É oportuna a **presença de mulheres.**

- **Educação afetivo-sexual:** para uma clara identidade sexual. Não podem ser admitidos ao seminário e às ordens sacras aqueles que praticam a **homossexualidade e que apresentam tendências homossexuais profundamente radicadas ou que apoiam a chamada cultura gay.**

- **Mass-media** e o mundo digital: parte integrante; mostrar os benefícios para a evangelização, prudência quanto aos riscos e perigos.

- **Estudo de línguas:** Estudar uma língua moderna, de forma sistemática, com início no propedêutico, até o término da teologia.

- **A vida comunitária:**

➤ Comunhão de fé com o bispo e com o presbitério,

➤ Partilha da vida com o povo de Deus.

- Buscar sempre ver a dimensão positiva dos conflitos e a procurar solução no diálogo franco e aberto.
- Educa no respeito às diferenças e no trabalho em equipe.
- Educa no espírito de pobreza e solidariedade com os mais pobres. Deve sentir-se responsável pela própria manutenção e ao bom uso do dinheiro.
- Mensalmente pratiquem a partilha, para formar um fundo comum, com a finalidade de incentivar a mentalidade solidária.
- Que o orçamento anual do seminário seja feito com a participação dos seminaristas, como instrumento formativo.

Os Formadores: Auxiliem os formandos a superar atitudes individualistas e narcisistas, isolamento e fechamento, busca da promoção pessoal, espírito de competição e de crítica negativa, aburguesamento e submissão por conveniência.

IMAGENS DO PRESBÍTERO QUE PRECISAM SER CULTIVADAS

- a) Padre – paternidade espiritual (gerar, nutrir, organizar, educar...)
- b) Presbítero – Na tradição bíblica: ancião, o adulto, já experimentado na vida, sábio e mestre, conselheiro e guia.
- c) Sacerdote – Dom sagrado de Deus para o seu povo. Atinge o modo de orientar o seu ser.
- d) Servo – missão de Jesus que veio para servir a todos e não ser servido.
- e) Profeta – anuncia e testemunha a Palavra.
- f) Pastor – Vai à frente do povo, servidor de todos, particularmente dos que sofrem. Aquele que o povo pode confiar.
- g) Esposo – o presbítero é chamado a reviver o amor de Cristo esposo com a Igreja esposa.
- h) Perito em humanidade – esforço para conquistar as pessoas para que os trabalhos fluam com mais facilidade, acolhimento e companheirismo.
- i) Homem da proximidade – estar com Deus e com as pessoas.
- j) Homem da misericórdia - compaixão dos que sofrem.
- k) Homem de Oração – Místico e Mistagogo
- l) Homem de Sacrifício – Doar-se constantemente.
- m) Irmão universal – relações fraternas com todos os grupos e movimentos.

DOCUMENTO: “PARA VINHO NOVO, ODRES NOVOS”

Formação inicial:

- Ainda há improvisação na formação.
- Deixar claro o papel da formação inicial. Formar para que?
- Saídas da VR: crises afetivas fruto de desilusão de comunidades sem autenticidade;
- Ainda se constata pouca integração entre teológica, antropologia e pedagogia educativa; destacar a dimensão espiritual e humana.
- Não formar administradores, gestores, mas pais, irmãos, companheiros. A formação é uma obra artesanal.
- Formar o (a) jovem para ter um coração livre, para aprender com a história de cada dia ao longo da vida, ao estilo de Cristo, para se colocar a serviço.
- As obras tem grande peso... Não formar apenas para substituir pessoas...
- Os jovens estão sendo envolvidos em gestão de atividades, mas é na fraternidade que surge a dimensão missionária.
- É preciso incluir na formação INICIAÇÃO AO GOVERNO!
- Cuidado com o carreirismo e o isolamento de jovens em comunidades onde há predominância de idosos.

Formação contínua (permanente):

- Na formação permanente, o cuidado com cursos de teologia sem continuidade e o perigo de termos religiosos (as) com bons títulos acadêmicos, mas com frágil formação no seguimento de Jesus. É preciso mais formação sobre a vida consagrada.
- Criar a cultura da formação permanente, sobretudo com a revisão e verificação da vivência concreta das comunidades.
- Não confundir formação permanente com visita aos lugares históricos, celebrações de jubileus, etc.
- Ser orientada segundo a identidade eclesial da VRC; consolidar e reencontrar o lugar na Igreja.
- Deve durar a vida toda, ordinária e não simples dever de atualização.
- Incluir sempre a reflexão sobre a dimensão institucional (carisma) e apostolado (obras).
- Cada um é chamado a deixar-se tocar, educar, provocar e iluminar pela vida e pela história, por aquilo que anuncia e que celebra...
- Autoridade para a fraternidade, a serviço da comunhão, da partilha, colaboração e não apenas a execução de ebediências.

3. SER UM BOM OPERÁRIO – A formação permanente

REASSUMIR:

- **JESUS CRISTO:** *“Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (Deus Caritas Est, n. 1). “Todos os cristãos, em qualquer lugar e situação que se*

*encontrem estão convidados a renovar hoje mesmo o seu encontro **pessoal com Jesus Cristo** ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de procurá-lo dia a dia, sem cessar” (EG 3).*

- **Consagração batismal:** A Vida Religiosa Consagrada teve início enraizada na consagração BATISMAL, onde AMAR A DEUS DE TODO O CORAÇÃO E AMAR AO PRÓXIMO COMO A SI MESMO, era a única regra de vida. A experiência no deserto e mesmo com a vida fraterna, no seu início foi uma aliança de amor entre Deus e seu consagrado/a. Todo o resto na vida consagrada é, então, se tornou secundário diante do projeto do amor batismal, como os votos: pobreza, castidade, obediência; vida em comunidade e vida apostólica.

O Concílio pediu à vida religiosa reviver suas origens carismáticas e assumir o seguimento de Jesus segundo o Evangelho; a participar na vida da Igreja, a empenhar-se nas causas dos mais necessitados e a potencializar a audácia missionária (Lumen Gentium e Perfectae Caritatis). O Concílio afirmou a origem divina da vida religiosa e sua pertença de maneira indiscutível à **vida e santidade da Igreja** (LG 44). Uma realidade na Igreja e da Igreja, toda ela chamada à santidade; parte integrante do Povo de Deus, em correlação com o ministério ordenado e com o laicato.

- **A força do CARISMA:** Carisma e Instituição são elementos constitutivos da VRC. Quando a VRC se reduz ao carisma, termina se diluindo no mundo da fantasia e do caos. Quando se reduz ao elemento institucional, vira corpo social mumificado, atropelado pela burocracia, sem vida. O equilíbrio gera a leveza e garante a vitalidade da Congregação no decorrer da história.

O Espírito Santo é o destinatário do carisma e o protagonista, mas cada membro é responsável pelo carisma, uma vez que, na profissão religiosa, recebe-se o “carisma do fundador”, juntamente com a comunidade. Por isso a inserção e o crescimento na Congregação comportam a formação e o crescimento da consciência carismática. **Sem essa consciência não é possível uma missão específica**, *“pois a consagração é para a missão e a missão emerge da consagração” (Vita Consecrata)*. No entanto, *“o fundador (a), superior (a), não são interpretes exclusivos do carisma; cada religioso (a) é fundador (a) das novas fundações” (Vinho novo em Odres novos)*.

- **A Pertença:** O carisma suscita a **pertença!** Na Igreja pertença não é apenas “**ser parte**”, mas “**fazer parte**” ativa. A pertença está relacionada a uma ideia de enraizamento, de integração e interação plena, em que o indivíduo constrói e é construído; comungar do mesmo propósito e objetivo, seguindo o exemplo das primeiras comunidades cristãs: “A multidão aumentava em número e em qualidade e era **um só coração e uma só alma**”. A primeira característica da pertença é o **serviço**, a segunda é a **fidelidade**.

Há muitos religiosos se envolvendo com o mínimo... Um senso de pertença frágil levará o religioso a buscar e se centrar em realidades fora de Deus, e do essencial da VRC: realização pessoal, gratificações, consumismo, acúmulo de bens materiais...

- **A mística:** O Papa Francisco no ano da VRC trouxe uma proposta que jamais deverá ser esquecida: **“Viver o presente com paixão”**. O presente deverá ser vivido COM PAIXÃO. Paixão tem a ver com MÍSTICA. Segundo Galilea define como *“o mais profundo do próprio ser: são as motivações últimas, seu ideal, sua utopia, a razão pela qual vive e luta e com a qual contagia os outros”*. Victor Frankl, afirma que mística é Paixão é sentido na vida e naquilo que faz, é parte essencial no crescimento pessoal humano, levando a co-participação com a realidade que nos cerca.

Olhando nesta ótica, vamos ver que hoje, os vários problemas da VRC, tem um problema de fundo, **“o problema de fé”**, não de pequenos problemas com a castidade, com a pobreza ou com a obediência, mas de EXPERIÊNCIA DE DEUS, DE PAIXÃO POR CRISTO E POR AQUILO QUE FOI A PAIXÃO DE CRISTO. Infelizmente em muitas comunidades a **fé foi confundida com sentimento religioso**.

Viver com Paixão tem um tripé: mística, comunidade, missão. Estes três elementos nos referem à base antropológica da proposta do seguimento: **Ser, Ser-com, Ser-para**. Quem vive com Paixão, transmite essa Paixão, caso contrário *“vive-se sem entusiasmo e inseguro na transmissão da fé. E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convencerá ninguém”* (Papa Francisco).

- **A compaixão:** Igreja da compaixão como o seu fundador. Da com-paixão para com Cristo, nasce a compaixão pelos mais pobres e sofredores. Compaixão é “sofrer com” e deixar-se afetar pelo sofrimento do outro. A pessoa compassiva olha o outro de igual para igual. Que gera uma atitude de libertar o outro da dor ou, pelo menos, de aliviar sua dor. Compaixão envolve ação, cuidado, dedicação... O outro é pessoa, mas também ao outro enquanto criação, meio ambiente, o cuidado com o planeta, nossa casa comum. Compaixão é agir com os mesmos sentimentos de Cristo (Fl 2,5-11).

Compaixão que se justifica “na felicidade de mais em dar do que em receber” (At 20,35). Onde *“cada pessoa é digna da nossa dedicação: porque é obra de Deus, criatura sua. Cada um é imensamente sagrado e merece o nosso afeto. Se conseguirmos ajudar uma só pessoa a viver melhor, isso já justifica o dom da minha vida. (Evangelli Gaudium). “Quando os títulos sobressaem ao serviço, é quando se caminha sem a Cruz, quando se edifica sem a Cruz ou se confessa um Cristo sem Cruz. Quando isso acontece, não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos bispos, padres, cardeais, papa, religiosos (as), mas não discípulos do Senhor” (Alegrai-Vos).*

NO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO

A Sinodalidade: Quer dizer “caminhar juntos”. A sinodalidade expressa a participação e comunhão em vista da missão. O C. Vaticano II, na definição de Igreja, como mistério e povo de Deus, trouxe essa necessidade e urgência. “O caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (Papa Francisco). Sinodalidade e colegialidade (bispos unidos ao papa) tem uma conexão.

OPORTUNIDADES PARA A MISSÃO

1. **Valorização da pessoa.** Hoje temos consciência que vivemos com pessoas nas suas diferenças, liberdade e individualidades e a realidade é mais importante do que a ideia. Dessa forma devemos estabelecer um diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade (EG).
 - ✓ Redescoberta da **corporalidade**. Deus não nos criou na abstração espiritual, mas na corporalidade. Há um investimento na formação humana e uma conscientização de que o corpo sadio resulta em missão e entrega maior pelo reino.
 - ✓ Resgate da **teologia da criação**: homem e mulher imagem de Deus, chamados a crescer na semelhança. Homem e mulher envolvidos no cuidado com o planeta, nossa Casa Comum.
 - ✓ **Provisoriedade** (o mundo passa – 1Cor 7, 29-31). Não acúmulo, vencer a ganância e a ânsia de poder.
 - ✓ **Mundo digital (mídias)**: Agilidade na comunicação, curtas distâncias, famílias próximas...
 - ✓ **Diferente**: Convívio, acolhida e respeito “com” e “do” diferente.
 - ✓ **Senso crítico**: Maior senso crítico diante da realidade (pelo número de informações), cursos, especializações...
 - ✓ **Pluralidade**: Permite à pessoa exercer o dom da liberdade e da escolha.

Uma Igreja em reforma

Francisco passa do MAGISTÉRIO ao KERIGMA, do CATECISMO a MISTAGOGIA, sua MISSÃO É CRISTOCÊNTRICA, com SABOR DE EVANGELHO. ALEGRIA, MISERICÓRDIA E TERNURA, são palavras-chave no seu pontificado. ACOMPANHAR, DISCERNIR, INTEGRAR – verbos de inclusão.

Eclesialidade: Um pastor, que não quer propor uma nova eclesiologia, muito menos uma nova Igreja, e sim DAR UMA ORIENTAÇÃO PLENAMENTE EVANGÉLICA à Igreja de hoje.

Igreja em saída: Em obediência ao mandato de Jesus: Ide, pois... (Mt 28, 19-20). Porque senão caduca, mofa, estraga.... É bíblico: Abraão, Moisés, Jeremias.... É a dinâmica do Êxodo. Foi o jeito de “ser” de Jesus. Porque o encontro com o amor de Deus nos “humaniza e diviniza”, nos torna felizes e comunicadores dessa graça; evangelizadores da vida, deixando a segurança da margem e partindo a missão – águas mais profundas. Sair da comunidade para as periferias que precisam da luz do Evangelho, da cura das suas feridas. Maria saiu apressadamente dirigindo-se a casa da prima Isabel.

Porque a Igreja medita sobre o seu próprio mistério e sua essência (missionária) isso a levará conseqüentemente a uma conversão pastoral e missionária; um estado permanente de missão, já que ela é humana e terrena - peregrina.

MISSÃO:

Não existem missões isoladas, confiadas a uma pessoa em particular. O que existe é um projeto missionário confiado a um grupo que se percebeu convocado por Deus para tal tarefa.

Missão não significa apenas “fazer pastoral” ou “realizações de missões”, pois poderemos cair no “ativismo” ou na novidade de “fazer coisas”. O espaço missionário da comunidade pede: testemunho, serviço, comunicação e partilha.

Missão passa por uma conversão pessoal e depois pastoral, pois não há Missão ou Evangelização se não mudarmos estruturas (mentais e pastorais, coração e métodos) repensar os objetivos e estilo (EG 33). **A presença misericordiosa e o anúncio com proximidade (corpo a corpo)** estão acima das preocupações com estruturas, organização, reuniões, discussões e formalidades.

Os pobres (1): Os afastados de Cristo, não são apenas aqueles que não o conhecem, mas também os **batizados que não vivem segundo o seu batismo**, “não tem a pertença cordial a Igreja e já não experimentam o consolo da fé” (EG 14). Na AL há poucos ateus e que desprezam Jesus Cristo, porém **há muitos que não experimentam a alegria e o gosto da fé**, deixaram de sentir-se parte da Igreja e estão próximos das nossas casas. **As periferias são essas.** Depois se verá como integrá-los....

Os pobres (2): O anúncio do evangelho é missionário e inclui a dimensão social, porque esse anúncio passa pelo comunitário e social. Minha relação com Jesus não é uma questão individual apenas, ela traz consequências sociais (EG 180).

A tarefa missionária da Igreja se faz por **atração**, atraindo as pessoas para a beleza que se propõe: união com Deus e com o próximo – a mística e opção pelos pobres – a amizade com Deus e a preocupação com a sociedade.

(Gl 2, 10), quando Paulo, querendo saber se a sua forma de evangelizar estava correta, foi aos apóstolos e estes disseram que sim porque ele “não estava esquecendo os pobres”. Voltar-se para os pobres, nas primeiras comunidades, demonstrava que as comunidades haviam saído do paganismo e encontrado com a pessoa de Jesus.

COM A ALEGRIA DO EVANGELHO

Felicidade: Vem do latim **feliz** e tem sua **raiz no verbo feo**, fertilidade, que significa “**eu produzo**”. Feliz, no sentido de satisfeito. É a felicidade do “homem rico” que teve uma grande colheita (Lc 12,16-21). Felicidade está associada ao ter, ao poder, ao sucesso pessoal. A felicidade pode ser alheia aos outros e até motivo de inveja. **A felicidade é uma resposta imediata** a um **estímulo** que produz em mim uma emoção, e passado o estímulo termina também a sensação de gratificação, isso significa que eu preciso sempre de novos estímulos para ser feliz.

Prazer: Vem do latim **placeo**, que significa ser **apreciado** e “**placar**”, no sentido de **satisfazer**. Freud fala do “**princípio do prazer**” para indicar a satisfação de uma necessidade primária (alimentar, sexual, defensiva, domínio etc.). Seu **significado leva sempre para a dimensão biológica, instintiva e corporal**.

Alegria: Vem do latim **gaudium** que deriva do verbo **gaudeo, gozo**. A alegria não depende de um estímulo. O termo “alegria” se encontra mais de 30 vezes nos Evangelhos e sempre usado quando se fala de “encontro” de pessoas. Alegria tem um significado “comunitário”. Posso ser feliz sozinho, mas para ser alegre preciso que todos os que estão ao meu redor estejam alegres. O fundamento da felicidade é o “eu”, enquanto fundamento da “alegria” é “comunidade”. *“Alegria não é uma consequência, mas uma causa. Se a alegria for apenas uma consequência ela vai estar ausente dos processos. A alegria é uma força da vida que precisamos redescobrir” (D. José Tolentino Mendonça).*

“E, dessa forma, me torno um psicod dependente das coisas (droga, sexo, dinheiro etc.). É por isso que a busca da felicidade está criando um mundo de indivíduos ‘dinheiro-dependentes’, ‘poder-dependentes’, ‘sexo-dependentes’. Um mundo de infelizes, onde somos viciados em estímulos rápidos.... Nós estamos vivendo na era da ansiedade, as pessoas precisam de muitos estímulos para ter migalhas de prazer, ou seja, estamos na era dos mendigos emocionais” (A. Cury).